

Quem empurra a devastação

Um navio de bandeira dinamarquesa, carregado de toras de madeira ilegalmente extraídas da Floresta Amazônica, foi invadido por ativistas do Greenpeace, no Porto de Savannah, Geórgia, Estados Unidos. A ação, durante a qual dois militantes foram jogados ao mar pela tripulação, repetiu outras semelhantes registradas recentemente em portos de países ricos: Kobe, no Japão, Aarhus, na Dinamarca, e Tilbury, na Grã-Bretanha.

Os protestos desses ativistas chamam a atenção do mundo para as duas pontas da questão da derrubada indiscriminada de árvores nas últimas florestas primárias da Terra.

A frequência com que são detectadas cargas de madeira ilegal nos portos do mundo evidencia, de um lado, a ineficácia da repressão à criminosa extração de madeira nativa pelas autoridades brasileiras. Sendo a

Amazônia uma área muito vasta e ainda predominantemente selvagem e desabitada, seria exigir praticamente o impossível do Ibama que evite a corrupção e a ação predatória das madeiras instaladas na região com a autorização do governo brasileiro. A única maneira de esperar eficácia de uma ação desse tipo seria proibir toda atividade madeireira na Amazônia, o que deveria, de fato, ser feito, se se pusessem os interesses maiores da Humanidade à frente dos interesses de momento de alguns poucos políticos e espertalhões do setor privado, os únicos que se beneficiam com a atual política.

Os países ricos fingem indignação com a devastação da Floresta Amazônica, mas nada têm feito para coibir o comércio de madeira ilegal em seus territórios

Mas mostra, também, o quanto é hipócrita a postura dos países ricos que fingem indignação com a devastação das florestas tropicais em geral, e da amazônica em particular, mas não impedem o comércio de produtos criminosamente extraídos delas em seus territórios. Seria, aliás, muito mais fácil coibir 100% desse tráfico, que passa por apenas alguns portos em cargas que, de maneira nenhuma, podem ser escondidas, do que impedir o corte de árvores numa selva do tamanho de um continente. Os ricos não o fazem porque não

querem. E, assim, alimentam a demanda que os chamados "cupins da Amazônia", de motosserra em punho, tratam de alimentar.

Desde 1997, após anos de pleitos de todos os interessados na questão, os países membros do G-8 – os mais ricos do

mundo – mantêm na pauta de suas reuniões periódicas a proposta de tomar posição contra o uso de madeiras nativas. Mas até agora nada fizeram. Ao contrário. De acordo com o WRI (Instituto Mundial de Recursos), a indústria de móveis e a construção civil na União Européia e nos Estados Unidos consomem 75% da produção mundial de madeira e subsidiam a indústria madeireira devastadora de florestas primárias com US\$ 3 bilhões. O que leva à conclusão de que quem mais se queixa contra o que está acontecendo é o maior responsável pela devastação em curso.